



A Comunidade Homossexual

ISCSP – Serviço Social
Desenvolvimento Comunitário

Docente: Ana Esgaio
Discentes:
Maria Nicolau
Marta Carvalho
Rui Jacinto
Vera Duarte

Junho 2010

Índice

1. Introdução.....	1
1.1. Objectivos.....	4
2. Metodologia	6
3. Enquadramento Conceptual.....	7
3.1. O Papel da Família na Sexualidade	7
3.2. O Estigma da Homossexualidade Segundo Goffman	9
3.3. A Teoria Psicanalítica de Freud	11
3.4. A Teorização de Foucault sobre a Homossexualidade	14
4. A Homossexualidade e os <i>Media</i>.....	16
4.1. A Imprensa Escrita	16
4.2. O Audiovisual	21
5. O Dados Recolhidos	23
5.1. Entrevistas.....	23
5.2. Inquéritos.....	24
6. A Intervenção Social	29
7. Considerações Finais	35
Anexos	39

1. Introdução

“Porque o Amor é a expressão, especificamente humana, da sexualidade entre os humanos”

Carvalho, Cristina (2008)

“A sexualidade não constitui um facto estritamente individual. Mergulha no homus da sociedade e aí se alimenta. (...) Eis porque a história já contemplou tantas concepções diferentes em matéria sexual (...) O relativismo das normas vem assinalado tanto através do tempo como através do espaço”

In Dicionário de Psicologia Sexual (1996)

O grupo tarefa formado por todos os elementos constituintes deste trabalho, decidiu, em conformidade, realizar um trabalho empírico sobre a *Homossexualidade*. A escolha desta temática não foi aleatória, pois o grupo estava bastante curioso em relação às decisões que se iriam tomar relativamente a todos os aspectos relacionados com este assunto. Mas também, se encontrava muito expectante no que diz respeito às perspectivas futuras da nossa sociedade face às novas formas de viver a sexualidade humana.

Esta questão é bastante pertinente, pois o cenário nacional em que esta se desenvolve ainda apresenta algumas reticências, em comparação com algumas realidades internacionais.

A questão das novas formas de orientação sexual e da liberdade inerente à condição humana para optar por uma delas é algo extremamente complexo.

“Em termos sociológicos, a questão central referente a esses grupos e o seu lugar na estrutura social; a contingência que essa pessoa encontra na interação face a

face e só uma parte do problema, e algo que não pode, em si mesmo, ser completamente compreendido sem uma referência à história, ao desenvolvimento político e às estratégias correntes do grupo.”

Goffman (1980)

Todos nós sabemos que as questões da sexualidade se prestam à turbulência social e política que os meios de comunicação em geral aproveitam para seu benefício.

Com isto surgem formulações vagas, *slogans* que não passam disso mesmo e acções pontuais que não são suficientes para causar as alterações expressivas que são necessárias para mudar o rumo dos assuntos relacionados com a *Sexualidade Humana*.

É neste sentido que o nosso grupo de trabalho decidiu, em virtude de uma profunda reflexão sobre o tema, com recurso a pesquisa bibliográfica cuidadosa e também a entrevistas individuais, debruçar-se sobre um dos subtemas da Sexualidade Humana, a *Homossexualidade*.

Em primeiro lugar será necessário clarificar conceitos, assim sendo, Sexualidade, segundo a Organização Mundial de Saúde é *“uma energia que nos motiva a procurar o amor, contacto, ternura, intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”*.

A sexualidade, desejo fundamental do ser, ocupa um lugar central na nossa condição existencial. É um assunto que pode ser considerado em vários domínios, tomando diferentes significados e funções. Podemos fazer uma *abordagem biológica*, considerando que o acto sexual é um instinto que permite a reprodução, controlo da fertilidade, nível de activação e resposta sexual, que influencia o crescimento e desenvolvimento e os ciclos de mudança psicológica e da aparência física, *uma abordagem psicológica*, a nível das emoções, experiências, auto-

conceito, expressividade, atitudes e comportamentos e *uma abordagem a nível social e cultural*, que tem que ver com as relações familiares, com a vizinhança, com o grupo de pares, com os lugares de culto, com a escola, com o acto de namorar ou de casar, com as controvérsias do sistema legal, com os hábitos e costumes, com a informação/entretenimento/publicidade gerida pelos meios de comunicação e por último com a *comunidade de pertença*, onde se incluem os ideais, as crenças religiosas, opiniões, acções morais e valores éticos.

Nas ciências sociais, a sexualidade consegue encontrar ramificações em variadíssimas áreas de estudo: sociologia do corpo, teologia, defesa dos direitos humanos, história e política.

A sexualidade acompanha-nos desde a infância e sofre mudanças no decurso da nossa vida. Durante a adolescência esta modifica-se, apresentando algumas especificidades.

“É nesta fase que surge o primeiro amor, intensifica-se o conhecimento do próprio corpo e do corpo do outro e multiplicam-se novas experiências, vividas com extrema intensidade; é descoberta uma relação de intimidade, partilha e confiança com outra pessoa. “

Matos, 2008

Tudo isto contribui para o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. No entanto, a descoberta do amor, a partilha dos afectos e todos os outros aspectos positivos da sexualidade, nem sempre são pacíficos, não só neste estágio etário, mas também na fase adulta.

A sociedade tem assistido a mudanças profundas na área da sexualidade. Algumas podem constituir uma grande ameaça para a saúde física e psicológica do indivíduo.

Estas mudanças tiveram o seu início com as manifestações femininistas, de afirmação da Mulher, na descoberta de novos anticoncepcionais, na liberalização do comportamento sexual e na conseqüente propagação das IST's (Infecções

Sexualmente Transmissíveis) e por último no surgimento de novas formas de orientação sexual.

A partir deste momento surgem na sociedade de forma mais visível, para além da *heterossexualidade*, outras duas formas de relacionamento sexual, a homossexualidade e a *bissexualidade*.

O termo *homossexual* foi utilizado pela primeira vez em 1869, pelo médico húngaro Karoly Benkert. Este aplicou o referido termo numa carta enviada ao Ministério da Justiça da Alemanha do Norte, em defesa de homens homossexuais que estavam a ser perseguidos por questões políticas.

Esta palavra é formada pela raiz da palavra grega “homo”, que significa “semelhante” ou “igual”, e pela palavra “sexual” da palavra latina “sexus” que com a evolução morfológica das palavras deu origem à palavra “sexo”, na qual pode-se concluir que “homossexual” quererá designar “sexualidade semelhante”.

No que diz respeito ao termo *bissexualidade* trata-se de “*uma orientação sexual das pessoas que sentem atracção física, psicológica e emocional tanto por pessoas do sexo feminino como do sexo masculino*” (in Projecto Educação LGBT, 2008)

1.1. Objectivos

O nosso **objectivo geral** será o de encontrar estratégias que passem por novas medidas sociais que favoreçam a maior e melhor inclusão dos indivíduos *homossexuais* na sociedade.

Enquanto objectivos específicos, apontamos:

- Enquadrar a temática nas várias teorias existentes;
- Caracterizar a Comunidade Homossexual;
-

- Idealizar estratégias de intervenção e actividades que permitam normalizar a imagem que a sociedade em geral tem da comunidade em questão.
- Dar alguns passos para eliminar os nossos próprios preconceitos que, apesar de subliminares, existem. Enquanto futuros trabalhadores sociais, temos de conseguir ultrapassar, os estereótipos que fazem parte de nós enquanto indivíduos, isto para que, as nossas intervenções, não sejam condicionadas.

2. Metodologia

O Grupo de Trabalho tentou compreender como os preconceitos e os estigmas podem prejudicar gravemente qualquer tipo de relação interpessoal, desde as mais fugazes até às mais íntimas. Tentamos perceber também, até que ponto, os indivíduos homossexuais têm medo de revelar a sua verdadeira identidade, sabendo que se o fizerem estarão a pagar um preço bastante elevado por esta atitude.

Pretendemos também, pelos motivos acima referidos, tentar compreender até que ponto os indivíduos estão à vontade com estas formas de viver a sexualidade e em que medida acham que estes indivíduos podem ou não ser considerados uma comunidade.

Para tentar encontrar respostas objectivas e empíricas a todas estas inquietações, foi necessário adoptar as referidas técnicas de recolha de dados:

- Realização de duas entrevistas de estrutura aberta, com recurso à ferramenta de trabalho, gravador de voz. Uma das entrevistas foi realizada a um representante da Associação *Rede Ex Aequo*, e a outra ao Presidente da Associação *Opus Gay*, o Sr. Professor António Serzedelo (Ver Anexos 1 e 2, Transcrição das entrevistas);
- Aplicação de inquéritos (Ver Anexo 3, Modelo de inquérito aplicado) a uma amostra de 50 indivíduos representativos do universo dos alunos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Humanas – U.T.L;
- Pesquisa Bibliográfica – Para melhor conceptualização de conteúdos o Grupo Tarefa procedeu a recolha de material bibliográfico em manuais e em alguns sítios na *Internet* direccionados para o tratamento da temática em questão.
- Análise de dados recolhidos nos meios de comunicação social: artigos de jornais, filmes e séries televisivas.

3. Enquadramento Conceptual

Antes de poder pensar em qualquer intervenção junto duma comunidade, é essencial conhecê-la nas suas várias dimensões e enquadrá-la na nossa sociedade. Por essa razão, é importante fazer um enquadramento conceptual da temática da homossexualidade, abordando vários tópicos que consideramos pertinentes e de especial relevo para o presente projecto.

3.1. O papel da Família na Sexualidade

Desde os primórdios, a família representa a unidade básica da estrutura de qualquer sociedade.

“A família é o grupo social caracterizado por residência em comum, cooperação económica e reprodução. Inclui adultos de ambos os sexos, dois dos quais, pelo menos, mantêm uma relação sexual socialmente aprovada, e uma ou mais crianças dos adultos que coabitam com um relacionamento sexual, sejam próprios ou adoptadas”.

Murdock, George (1949), in Introdução à Sociologia da Família

Segundo a definição deste autor, a família assume-se como, instituição social, atribuindo-se funções em variados níveis. A nível da educação, por exemplo, a família está encarregue de educar os seus descendentes, assim como de os integrar e socializar no meio em que estão inseridos. A família passou a partilhar esta função com a instituição social, que é a escola. O sustento ou garante de subsistência está também a cargo da família. Aquilo que podemos chamar de função económica, a função de garantir a satisfação das necessidades básicas, como a alimentação ou o proporcionar de uma habitação. Tradicionalmente, a orientação da religiosidade

também deverá ser responsabilidade da família, orientar os seus filhos para o culto das crenças divinas, embora esta função seja bastante variável consoante as culturas.

Desde 1994, que o INE tem como definição de família um *“Conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento. Os empregados domésticos residentes no alojamento onde prestam serviço são integrados na respectiva família”*

Estas definições correspondem ainda hoje a conceitos de família bastante vulgarizados, contudo, não têm aplicação nos novos tipos de família presentes nas sociedades contemporâneas.

Os novos conceitos de família surgem, ainda que dissimulados, da Revolução Sexual. Esta expressão diz respeito, às mudanças profundas desencadeadas nas atitudes e comportamentos sexuais e teve início nos países desenvolvidos, a seguir à Segunda Guerra Mundial.

A maior parte das transformações ocorreram inicialmente na sexualidade da mulher, que passou a ter soberania nas decisões sobre si e o seu corpo. Perda da virgindade antes do casamento, importância concedida à obtenção do orgasmo e consequente perda da importância da reprodução, foram algumas das alterações significativas relativamente ao passado.

Na segunda metade do século XX, para além da alteração de valores, atitudes e comportamentos sexuais das mulheres e das relações sexuais que mantêm antes do casamento, existiu também uma mudança nas atitudes relativas ao comportamento homossexual, mais significativas a partir dos anos 80, em alguns países estes indivíduos reclamam o direito ao casamento e à adopção de crianças.

Na sequência destas transformações, vamos evidenciar, o conceito de família afectiva, um conceito que pode ser susceptível de diferentes percepções, uma vez que se caracteriza pelos laços de afectividade e solidariedade e não pelos laços sanguíneos.

Podemos considerar o casal homossexual como família afectiva, contudo, existem diferentes perspectivas acerca desta questão. Por exemplo, uma das razões apontadas para a descrença nesta tipologia de família é o medo de que uma criança educada por indivíduos do mesmo sexo se torne também ela num indivíduo homossexual, outro argumento é a ideia de que uma criança precisa da figura de um pai masculino e de uma mãe feminina para se desenvolver nos parâmetros considerados normais pela sociedade.

Esta questão reporta-nos a uma reflexão que considere o art. 13 da Constituição da República Portuguesa.

“2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual. “

3.2. Estigma Da Homossexualidade segundo Goffman

Segundo a lógica de pensamento de Goffman *“Estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena.”*

Goffman, (1980)

Um indivíduo que é estigmatizado possui características ou atributos, que exprimem uma identidade social que é depreciada em contextos particulares, no sentido, em que se tratam de indivíduos com determinado papel social e não a características específicas e intrínsecas de cada ser humano.

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem probabilidade de serem neles encontradas”

Goffman, (1980)

O indivíduo que é estigmatizado é vítima de juízos de valor. Esta forma de tratamento leva na maioria dos casos a que “o outro” tenha uma atitude preconceituosa e discriminatória, neste sentido, a orientação homossexual de determinados indivíduos é *Estigmatizada*.

“Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto.”

Goffman, (1980)

Estas atitudes existem independentemente do “status” pessoal ou das conquistas que são preconizadas pelo indivíduo estigmatizado. Também são distintas de determinadas características, sejam elas físicas ou mentais. Estas características poderão ser sinalizadas o que poderá levar à construção de uma identidade social, que não é a natural, mas sim, também ela, construída.

De acordo com este autor, são categorizados três tipos distintos de estigmas. Em primeiro lugar os *estigmas tribais*, estes são de cariz familiar, passados de “geração

em geração”, incluem a pertença a determinados grupos nacionais, raciais, étnicos ou religiosos., depois seguem-se as *abominações do corpo*, que são as características físicas, tais como “defeitos” físicos e desfigurações e por último as *culpas no carácter individual*, relacionadas com a personalidade ou com o comportamento do indivíduo, incluem as doenças mentais, vícios, crimes e a homossexualidade.

Também outros autores seus contemporâneos identificaram diferentes dimensões para a classificação do estigma. Podemos destacar o *ocultamento*, que define se o estigma pode ser encoberto aos olhos dos outros; o *curso*, é a forma através da qual o estigma muda com o tempo; a *perturbação, ou seja*, de que forma o estigma atrapalha interacções sociais; as *qualidades estéticas*; que se prendem com o facto de o estigma tornar o indivíduo feio ou repulsivo; *origem* como o estigma foi adquirido e quem é o responsável e o *perigo*, o tipo e grau de perigo que o estigma coloca para os outros.

“Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde.”

Goffman, (1980)

3.3. A Teoria Psicanalítica de Freud

“Pode supor-se igualmente que no homem as recordações da sua infância, durante a qual se abandonou às ternuras de sua mãe e de outras mulheres que o rodeavam , contribuem de maneira decisiva para dirigir a escolha para a mulher, enquanto a intimação sexual exercida pelo pai (...), a posição de rival que toma para com eles, desviam o rapaz do seu próprio sexo.”

Freud, 1905

Freud, o inventor da psicanálise, postulou a existência da *libido*, como o conceito chave, que é utilizado, para descrever o interesse sexual. De acordo com esta teoria, a sexualidade constitui uma motivação profunda e central na orientação do comportamento humano. A energia psíquica, que é de natureza sexual, constitui o suporte em que se desencadeia e apoia o desenvolvimento da nossa personalidade e está sempre presente no nosso comportamento e nas nossas motivações. Estas últimas, que orientam o comportamento para determinadas “metas”, não são sempre de natureza consciente, pois o indivíduo pode sentir necessidades ou ter desejos que não estão de acordo com os padrões morais e as crenças da sociedade, pelo que, ainda durante a infância, aprenderá a reprimi-los e a redireccioná-los para objectos socialmente aceites, interiorizando as crenças e normas do meio em que foi educado.

Sob este ponto de vista, a sexualidade está presente no ser humano desde o seu nascimento e atravessa diferentes fases, até atingir a maturidade. Essas fases são marcadas por uma dimensão especificamente física da sexualidade, as denominadas *zonas erógenas* que, em cada etapa, constituem-se como zonas específicas e fundamentais de prazer corporal.

Um indivíduo maduro e equilibrado fez conseqüentemente uma adequada integração da sexualidade, sobretudo durante os anos da infância. Esta etapa é crucial no desenvolvimento da personalidade, por isso é nesta fase também que os agentes socializadores, principalmente nos cuidados maternos e na relação entre os pais, têm um papel fundamental.

Este autor também desenvolveu o conceito de *inconsciente* para aclarar a repressão sofrida pelo desejo ou necessidades do sujeito, como a forma de funcionamento psicológico que gere essas necessidades do sujeito, como a forma de exercício psicológico que gere essas necessidades e desejos socialmente não permitidos.

Freud descobriu cedo que “feminilidade” e “masculinidade” são construções sociais que se desenvolvem na criatura humana a partir de seu contacto com os outros nos primeiros anos de vida. Este processo culmina, segundo este autor, com as identificações “normalizadoras” que representam a solução do que ele denominou

“complexo de Édipo”. Normalizadoras porque, segundo alguns pensam, estas identificações deveriam coincidir com o sexo que a anatomia assinala. (Freud, 1905)

Na sua obra “Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci”, Freud estuda a biografia do artista para chegar a uma teorização sobre a homossexualidade.

“Leonardo pertence realmente ao tipo de homossexualidade cujo desenvolvimento psíquico podemos descobrir (...) A respectiva tradução seria a seguinte: por esta relação erótica com a minha mãe tornei-me homossexual.”

A base da argumentação de Freud sobre a homossexualidade está na visão completamente nova e revolucionária que ele dará à noção de psicosexualidade. O centro da sua teoria passa pelos complexos de Édipo e de Electra e a forma como são vivenciados na infância.

Freud afirma que, no ser humano, impulso sexual não tem objecto fixo, ou seja, ela não está atrelada ao instinto como nos animais. Ao contrário, o objecto do impulso é diversificado, anárquico, plural e parcial; exprime-se de várias formas: oral, anal, escopofílica, vocal, sádica, masoquista, dentre outras (Freud, 1905). Com isto, Freud divorcia a sexualidade de uma estreita relação com os órgãos sexuais, passando a considerá-la como uma função abrangente em que o prazer é sua finalidade principal e a reprodução uma meta secundária. Nesta perspectiva, em que os impulsos parciais integram o psiquismo humano, o conceito de normalidade perde o seu sentido, tornando-se uma ficção: não existe diferença qualitativa entre o normal e o patológico.

3.4. A Teorização de Foucault sobre a homossexualidade

“O que eu quis dizer é que, na minha opinião, o movimento homossexual hoje precisa mais de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) daquilo que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossas condutas. Faz parte da liberdade de que gozamos neste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos – ela é nossa criação, além de ser a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Devemos compreender que, com os nossos desejos, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor, novas formas de criação”

Foucault, 1977

A pesquisa de Dean Hamer é citada por muitos homossexuais, como forma de explicar que a homossexualidade é natural, tal como a cor dos olhos ou o facto de se ser esquerdino. Foucault refere-se à prática homossexual como não sendo uma “identidade”, mas sim um “desejo”. (Foucault, 1977)

Segundo Foucault, a escolha do objecto de desejo nem sempre se constitui como base para uma identidade, assim como não parece ser questão crucial na percepção de toda e qualquer pessoa sobre sua sexualidade. Assim, a desnaturalização das sexualidades e dos corpos marcados biologicamente faz-se a partir da própria noção de prática discursiva, que criou uma verdade sobre a identidade humana, que se cristalizou na divisão sexual e binária da sociedade.

Desta forma, tanto a heterossexualidade como a homossexualidade são produções de um saber e de uma prática normativa que exercem o poder de naturalização deste “binarismo”, que acompanha a divisão do mundo em práticas lícitas e ilícitas (Foucault, 1977).

Consequentemente, por mais que o género pareça ser uma componente fundamental das nossas identidades, sejam elas “homo” ou “heteros”, nós somos muito mais do que os nossos gostos sexuais – e é curioso notar como, em termos de

gostos, o desejo sexual parece ter tanta importância no nosso mundo, a ponto de ninguém pensar em se definir ou se rotular porque gosta, por exemplo, de comer ostras ou beber vinho. As palavras que usamos e os pensamentos que alimentamos definem as “coisas” que somos, como uma construção contínua da realidade, que será mais ou menos rica se depender de nossa militância individual em prol de um mundo mais rico em termos de possibilidades relacionais.

4.A Homossexualidade e os *Media*

Uma das formas de entender as imagens que são projectadas na sociedade, é através da observação dos meios de comunicação social, sejam eles informativos ou de entretenimento. A comunicação ocupa um lugar muito importante na sociedade actual, tal como as criações artísticas, representa um espelho das percepções, o que permite muitas vezes chegar a algumas conclusões.

4.1. A Imprensa Escrita

“Alianças aguardam 15 anos no armário”

“Horas após a aprovação do casamento homossexual na Assembleia da República, a 8 de Janeiro, João Paulo e "Pedro", o companheiro, começaram logo a delinear a festa que irá retirar do armário as alianças que, há 15 anos, aguardam a contratualização da relação.

Não vão ter padrinhos mas já contam com oficial de Justiça, lista de convidados e a escolha da indumentária."Será algo informal e clássico. Neste momento já estamos a analisar o preço cobrado por quintas na zona do Douro", adiantou, ao JN, João Paulo, editor do site Portugalgay, que não esconde um dos seus orgulhos: "a presença familiar".

"Fiquei muito contente quando os meus pais disseram que iam estar presentes no nosso casamento", admite, emocionado, o portuense, de 42 anos.”

Fonte: *Jornal de Noticias*, 18 de Maio 2010

“Portugal: Helena casou com Teresa hoje (7 de Junho 2010), em Lisboa”

“A histórica cerimónia decorreu na 7ª conservatória na presença de amigos, familiares e muitos jornalistas.

Em 2006 Teresa e Helena subiram as escadas da conservatória da Av Fontes Pereira de Melo, em Lisboa, para dar início ao processo de casamento entre as duas. Na altura tal pedido foi recusado: “a lei portuguesa não o permite”.

Hoje foram de elevador até ao quinto andar da 7ª conservatória para fazer o mesmo pedido. Mas ao contrário de 2006 hoje pouco depois das 9:30 da manhã a conservadora declarou que Helena Paixão e Teresa Pires, são casadas aos olhos da lei portuguesa.

A conclusão da cerimónia foi recebida por aplausos breves do grupo de amigos mas também de muitos dos jornalistas que estavam a trabalhar na cobertura do evento.

O nervoso miudinho de Teresa deixou-a sem palavras na hora de dizer que era de sua livre vontade contrair casamento com Helena Pires. É compreensível. Afinal este foi um dia marcante na história dos direitos humanos em Portugal. Hoje é o primeiro dia do início de uma maior liberdade sobre a capacidade de todo e cada cidadão poder decidir sobre as suas vidas e como a quer viver.

Presentes na sala, activistas representantes de diferentes grupos e associações GLBT, mas acima de tudo amigos de Teresa e Helena, as filhas das nubentes sem esquecer os pais de Helena que foram os padrinhos.

O PortugalGay.pt deseja a este que é o primeiro casal Lésbico a contrair casamento segundo a nova lei, mas também a todos os outros que se venham a casar, as maiores felicidades e vivam o vosso amor acima de tudo com alegria”

Fonte: *PortugalGay.PT (Portugal), 7 Junho 2010*

“Marcha do Orgulho pela Parentalidade”

Homossexuais alertam para situações que já existem.

“Paula tem uma enteada, que é filha de Sofia, que foi mãe numa relação heterossexual. Fabíola tem dois filhos nascidos da inseminação, “nenhum de produção nacional”. É de casos destes que a Marcha do Orgulho LGBT quer que se fale agora.

Adopção, mas não só. Aliás, nem sequer será mais importante do que os outros itens que a Marcha do Orgulho Lésbico, Gay, Bissexual e Transgender do Porto quer ver discutidos na sociedade e que constam do “Manifesto” ontem apresentado em frente ao Tribunal de Menores. Um manifesto que está na Internet e que será levado pela cidade no dia 10 de Julho, a partir das 16 horas.

“Queremos uma sociedade que reconheça a diversidade de modelos familiares com iguais oportunidades perante a lei”, lê-se no documento. Paula Antunes faz questão de explicar. “É todo o tipo de parentalidade” que está em causa, “não é só a adopção”. E fala dela própria. Vive há sete anos com Sofia e a filha dela. Que nasceu de um anterior relacionamento heterossexual de Sofia. A miúda, 13 anos, decidiu assumir na escola que era enteada de Paula. Valeu-lhe a aprovação dos colegas e a escolha do tema da homossexualidade num debate entre escolas do Porto.

“Não se trata só de situações hipotéticas. Há milhares de crianças portuguesas que têm pais homossexuais, sejam fruto de relacionamentos anteriores, seja da inseminação artificial feita noutro país”. É o caso dos filhos de Fabíola. Aqui não podia. Daí outro ponto do manifesto. “Queremos que os processos de procriação medicamente assistida possam ser uma possibilidade para todas as mulheres que a desejem, independentemente da sua orientação sexual e de viverem ou não uma relação de casal”.

Ora, com a lei acabada de promulgar retirando o exclusivo do casamento aos heterossexuais, a constituição de família fica riscada. No limite, “primeiro temos de adoptar (como candidato individual) e só depois podemos casar”, resume João Paulo, activista da PortugalGay. A *parentalidade* foi eleita como a questão central do

manifesto deste ano. Mas não a única. "Continua a haver imensa coisa em jogo. A única conseguida até agora foi o casamento", explica Catarina Castanheira.

A sexualidade, na terceira idade, a luta pela identidade do género, até em documentos oficiais de pessoas que mudem de sexo, a defesa de uma educação sexual efectiva nas escolas e da aceitação de pedidos de asilo de pessoas perseguidas por homofobia são alguns dos temas em cima da mesa."

Fonte: *Jornal de Notícias (Portugal)*, 26 Maio 2010

"Papa "triste" com decisão de Cavaco"

"A Igreja Católica Portuguesa está unida e continua veemente nas críticas a Cavaco Silva pelo facto de o Presidente da República não ter exercido o direito de veto no caso do casamento gay.

A promulgação da lei, poucas horas depois de o Papa ter regressado a Roma após a visita a Portugal, também não caiu bem no Vaticano. Fonte próxima de Bento XVI confidenciou ao CM que o próprio Papa 'ficou triste quando soube da notícia'.

As recentes declarações do Cardeal-patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, que manifestou a sua indignação com o Presidente da República e deu até a entender que a aprovação à primeira desta lei lhe pode custar a reeleição, merecem toda a concordância dos mais importantes prelados portugueses. O presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Jorge Ortiga, que se encontra em Roma no âmbito do encerramento do Ano Sacerdotal, disse ao Correio da Manhã ter ficado 'algo surpreendido' com a aprovação imediata da lei. 'Esperava que o Presidente da República tivesse vetado a lei e gostava que o tivesse feito, mas não quero entrar em considerações de índole política ou eleitoral. Só acho que o veto à lei tinha sido, no meu entender, a atitude mais correcta', explicou D. Jorge Ortiga.

Já o arcebispo D. Manuel Monteiro de Castro, secretário da Congregação para os Bispos, disse ao CM que teria ficado 'mais contente se o Presidente tivesse vetado', sublinhando a 'atitude nobre e admirável' do rei da Bélgica, que suspendeu o reinado por três dias para não assinar uma lei similar. Mas D. Monteiro de Castro entende

que 'o mais importante é que os líderes de alguns partidos políticos digam claramente o que pensam, a exemplo do que fez o líder da oposição em Espanha, que já disse que, se for eleito, revogará a lei'. O cardeal Saraiva Martins é da opinião de que 'os portugueses que não estão de acordo com a lei deviam sair à rua e manifestá-lo com veemência.'"

Fonte: *Correio da Manhã (Portugal)*, 10 Junho 2010

Apresentamos aqui vários artigos divulgados pela imprensa escrita portuguesa, que abordam directamente a questão da homossexualidade, constituindo-se assim como um eco das opiniões sociais.

Actualmente, a homossexualidade é aquilo que se considera um assunto “quente” na nossa sociedade, já que o casamento homossexual foi promulgado recentemente pelo Presidente da República. Ao mesmo tempo que é um passo em frente na aceitação da comunidade homossexual, é também um tema de debate e de oposição em várias frentes. É notório que a Igreja Católica não aprova esta nova lei e já se manifestou contra a decisão do Presidente da República. Esta oposição por parte das entidades religiosas vai-se reflectir numa porção significativa da população, já que a Igreja Católica continua a ser um formador de opiniões considerável.

No entanto, já várias organizações e associações homossexuais manifestaram o seu agrado pelo facto de termos chegado à aplicação da lei que permite aos casais homossexuais legalizarem a sua relação nos mesmos termos do que os casais heterossexuais. Ainda assim, resta em aberto a questão da parentalidade, nomeadamente da adopção e da inseminação artificial.

4.2. O Audiovisual

Tanto no cinema como na televisão, a homossexualidade tem vindo progressivamente a ocupar um lugar cada vez mais confortável. O que era escândalo e ousadia há duas décadas atrás passou a ser uma tendência, até mesmo um facto comercialmente atractivo. As duplas românticas de homossexuais passaram então a estar cada vez mais presentes no cinema, nas séries televisivas e na publicidade. No entanto, é necessário perceber que existem muitas formas diferentes de representar personagens gays no ecrã. Apesar de haver mais visibilidade sobre a temática, não significa que não haja constrangimento, discriminação, estereótipos e descrédito.

Um filme ou um programa de televisão não são exactamente um espelho da realidade, mas são sem dúvida instrumentos preciosos para entender o mundo de quem os vê. Tendo em conta que, além da componente artística, que poderá ser maior a menor, as obras cinematográficas ou televisivas são parte de um sistema de consumo. Assim sendo, existe a necessidade de chegar a produtos vendáveis, produzidos de acordo com as exigências do público e do mercado. Na intenção de representar uma certa realidade com a qual as pessoas se identifiquem, ou pretendam identificar-se, as chamadas minorias começam também a aparecer nos ecrãs. No entanto, têm muitas vezes uma imagem distorcida ou parcial, o que dá origem a um reforço dos estereótipos já existentes. Temos então os negros subalternos, as mulheres donas de casa e os homossexuais amaneirados.

Dentro da nossa temática, podemos realçar vários filmes ou séries que apresentam homossexuais, principalmente homens, que encaixam na perfeição nos estereótipos mais comuns. Por exemplo, nas séries “*Will and Grace*” e “*Sex and the City*” os homens homossexuais são representados de forma muito efeminizada. O filme “*Birds of a Feather*” é também um bom exemplo de representação jocosa da homossexualidade masculina.

Mas além de representações mais pejorativas, existem também produções que usam os preconceitos e os estereótipos de forma irónica, com a finalidade de denunciar “entre as linhas” atitudes sociais discriminatórias. Para ilustrar, podemos citar filmes como o recente *“I Love You Phillip Morris”*, onde o protagonista decide “sair do armário” e começar a viver de forma luxuosa e esbanjadora com o seu novo namorado. Séries como *“United States of Tara”* e *“Desperate Housewives”* também usam o humor para mostrar os preconceitos e estereótipos que a comunidade pode ter em relação a casais homossexuais, seja na escola, no local de trabalho ou mesmo a vizinhança.

Outros projectos mostram ter um objectivo mais directamente interventivo, onde a homossexualidade é colocada no cerne da questão e é tratada de forma a estimular a reflexão, a sensibilização e a aceitação de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo. Por exemplo, *“As Filhas do Botânico”* é um filme chinês, que relata a história de amor entre duas raparigas, num país onde a homossexualidade é passível de pena de morte. Trata-se de uma obra que coloca a estética do cinema ao serviço de uma problemática social. *“Milk”*, de Gus Van Sant, é uma produção cinematográfica com fundamento histórico. Sendo o realizador e o argumentista homossexuais, é claramente uma forma de divulgar as dificuldades pelas quais passou (e continua a passar, em muitos aspectos) a comunidade gay e lésbica. A televisão também tem programas em que a homossexualidade é retratada com maior seriedade, sem caricaturas. Exemplo disso é a série *“The L World”*, que fala do quotidiano de vários casais de lésbicas, tocando também muitas vezes na questão da discriminação das mulheres em meio profissional, com a agravante da homossexualidade.

5.Os Dados Recolhidos

A melhor forma de caracterizar uma comunidade é, sem dúvida, estabelecer contacto com os seus membros. Por essa razão, o Grupo de Trabalho realizou entrevistas a dois representantes de organizações homossexuais, a fim de conseguir obter opiniões internas à comunidade.

Num segundo tempo, realizámos um inquérito aos alunos dos ISCSP, com o objectivo tentar perceber qual a sua posição em relação aos indivíduos homossexuais.

5.1. Entrevistas

As entrevistas foram realizadas com a participação de representantes da Rede *Ex Aequo* e da *Opus Gay* (Anexos 1 e 2).

A rede *Ex Aequo* é uma associação de jovens, dos 16 aos 30 anos e destina-se a apoiar jovens LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros).

O trabalho desta associação assenta nos seguintes objectivos (www.rea.pt):

- a) Reivindicar a não discriminação e a integração na sociedade das jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros (LGBT), assim como o reconhecimento das suas necessidades, particularidades e especificidades;
- b) Desenvolver e implementar estratégias e acções de intervenção a nível científico, social, cultural e/ou político referentes à juventude e à educação no âmbito da temática LGBT;
- c) Criar e fomentar o desenvolvimento de grupos locais de convívio, de apoio e de trabalho para jovens LGBT e simpatizantes.

A Associação *Opus Gay* é uma organização cívica de carácter social criada para promover a solidariedade entre todos os membros da comunidade LGBT. O presidente Dr. António José Serzedelo S. Marques, concedeu-nos uma entrevista, que tocou não só no trabalho da organização, mas também na homossexualidade em Portugal.

Nas entrevistas, foi possível perceber que os indivíduos LGBT se identificam enquanto uma comunidade, no sentido em que partilham dos mesmos problemas e são vítimas das mesmas discriminações, sentindo assim necessidade de partilhar as suas experiências e apoiarem-se mutuamente.

Além da acção a nível mais individual, as organizações e associações trabalham para que a comunidade homossexual seja, progressivamente, aceite na sociedade. Mas para além da aceitação, procuram uma “normalização”, ou seja, que não haja diferença entre um indivíduo homossexual e heterossexual. Passa primeiro por acções educativas, particularmente presentes nas actividades da Rede *Ex Aequo*. Esta associação desenvolve um trabalho importante na área da intervenção comunitária, da prevenção e da sensibilização, através do seu projecto educativo. O principal objectivo da rede *Ex Aequo* é apoiar os jovens, e não tanto travar uma luta contra a discriminação assumindo posições políticas.

A *Opus Gay* já tem um papel mais mobilizador e subversivo, tendo em conta que luta pela alteração da legislação, como fundamento da alteração das mentalidades. Mas o seu presidente diz que *“à medida que a sociedade portuguesa vai amadurecendo, vão-se fazendo algumas destas conquistas, que podem ser também percebidas relativamente à mulher”*. Significa que a comunidade homossexual tem, em alguns aspectos, um tronco comum com o feminismo. A homossexualidade está também na mesma situação que outras minorias, que ocupam um lugar menos relevante socialmente ou que apresentam características diferentes daquelas que são consideradas normais.

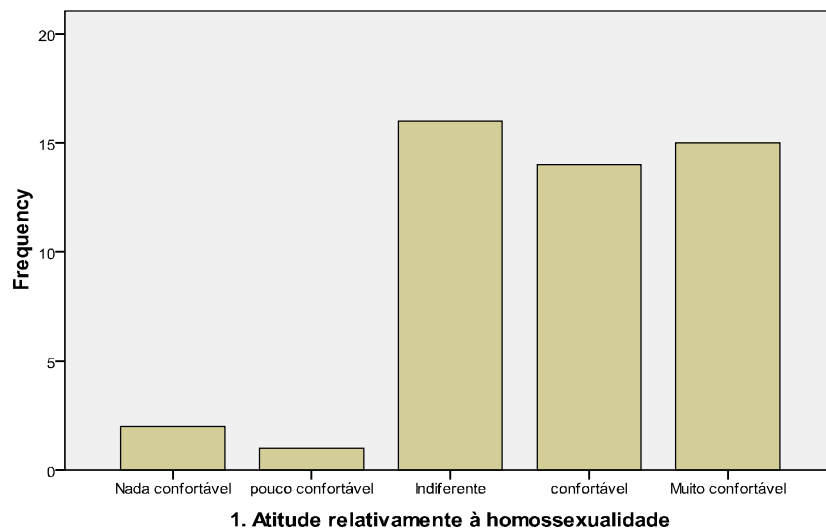
Em suma, caracterizar a comunidade homossexual passa primeiro que tudo por aceitar a sua heterogeneidade. Não é uma comunidade que partilhe o mesmo espaço físico, a mesma crença religiosa, a mesma actividade profissional, mas tem sim uma característica semelhante, característica essa que não é bem aceite socialmente. O facto de ter uma orientação homossexual origina um sentimento de comunidade porque existe discriminação e, por essa razão, há uma necessidade de entreatajuda e de partilha de experiências.

Ambos os entrevistados referiram que a internet tem sido um instrumento crucial para a formação desta comunidade. O aparecimento de fóruns, *blogs* e redes sociais aportou uma maior união entre a comunidade LGBT, fazendo com que houvesse um crescente sentimento de integração. Por isso, a comunidade homossexual tem uma origem mais peculiar em relação a outras comunidades.

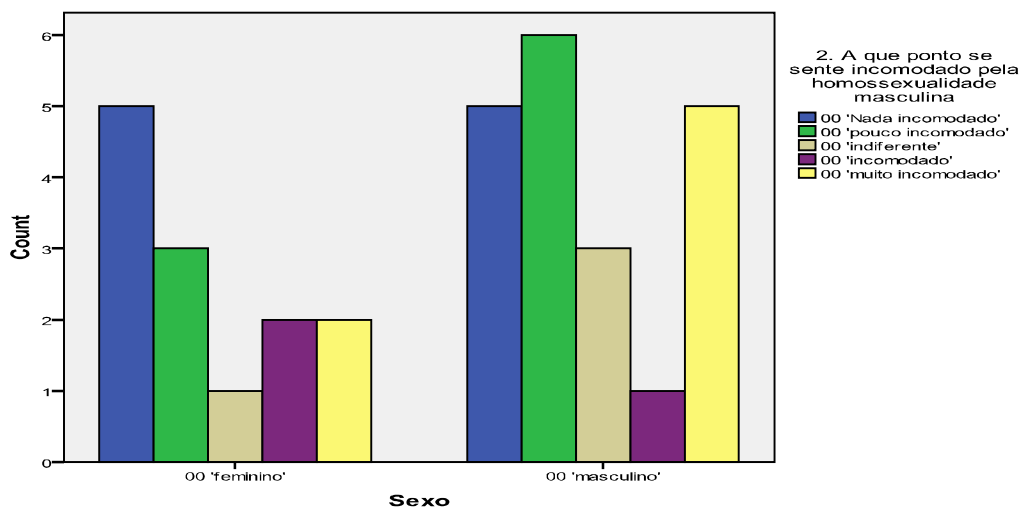
5.2. Inquéritos no ISCSP

Os inquéritos realizados junto dos alunos do ISCSP mostraram que, apesar da maioria dos inquiridos declarar que se sente confortável com indivíduos homossexuais, ainda existem muitos preconceitos.

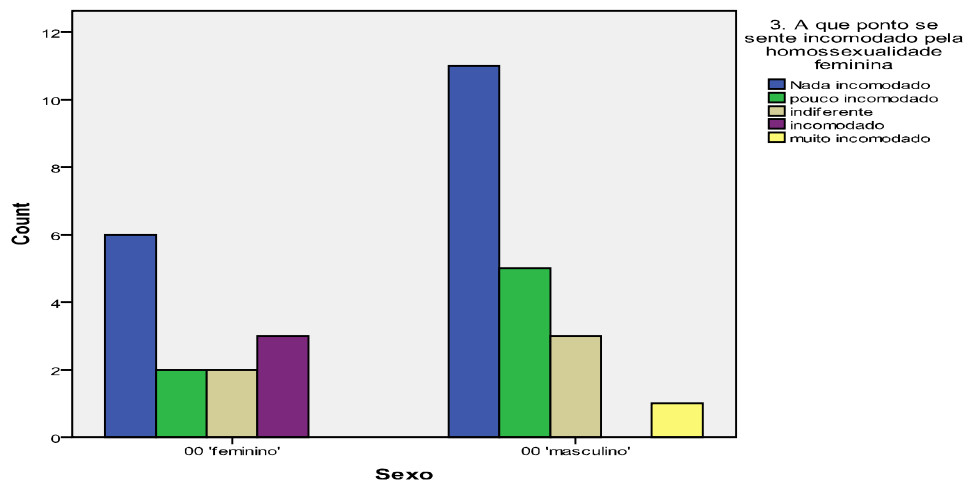
1. Atitude relativamente à homossexualidade



No gráfico acima, podemos ver as atitudes que os alunos disseram ter em relação à homossexualidade. A maior parte dos inquiridos diz aceitar confortavelmente os indivíduos homossexuais, no entanto uma pequena percentagem admite não estar nada confortável relativamente a essa questão.

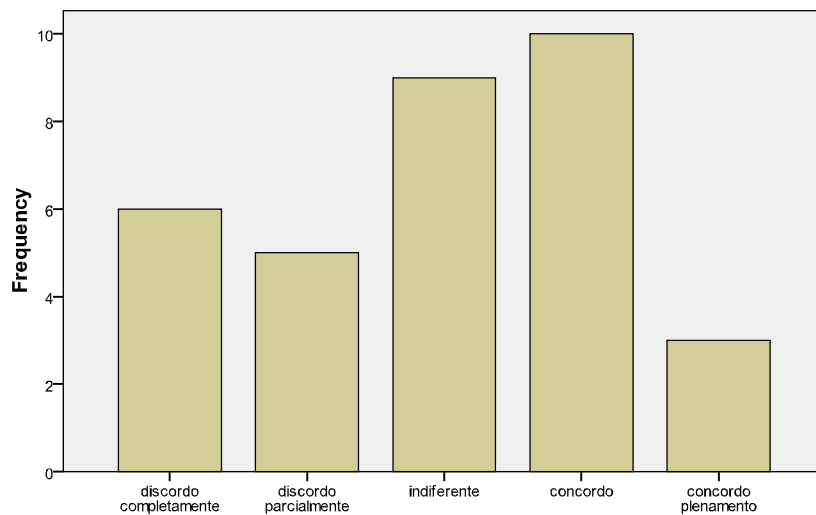


Diferenciámos as opiniões das mulheres e dos homens relativamente à homossexualidade masculina e podemos observar que muitos mais homens se sentem muito incomodados.



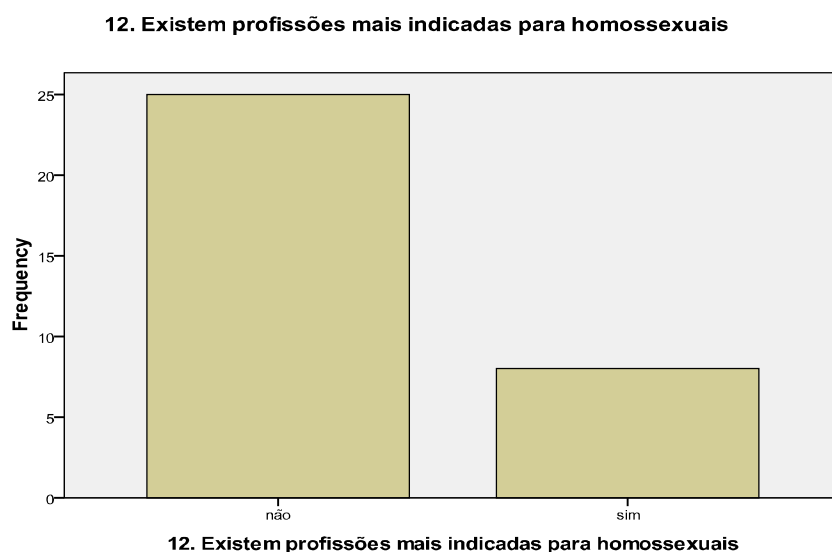
Foi feita a mesma análise em relação à homossexualidade feminina e os padrões são muito diferentes. Tanto os homens como as mulheres declaram sentirem-se menos incomodados com a homossexualidade feminina.

11. Reacção a um filho com orientação homossexual



11. Reacção a um filho com orientação homossexual

A questão apresentada no gráfico acima foi uma das mais polémicas do inquérito, já que vários inquiridos disseram sentirem-se incomodados pela pergunta quando devolveram o inquérito preenchido. Os resultados mostram que uma parte considerável dos alunos declara que não iria aceitar bem o facto do seu filho ter uma orientação homossexual.



Relativamente às actividades profissionais, a maioria dos inquiridos não acha que existam profissões mais indicadas para os homossexuais, no entanto cerca de 30 % dos alunos respondeu sim. De entre as profissões sugeridas temos estilista, decorador, artista, modelo, actor, bailarino, professor, jogador de futebol e músico.

6. A Intervenção Social

“Quanto mais reflectimos, mais nos atrevemos a comparar a homossexualidade com a poesia. A homossexualidade é, para a sexualidade normal, o que a poesia é para a linguagem corrente. O Estado do homem homossexual é um estado semelhante ao estado poético. A poesia, tal como a homossexualidade, desembaraça - se das contingências habituais e apropria-se de leis específicas. É em si mesma a sua própria mística, a sua própria caridade. Aquilo que vê o poeta e aquilo que vê o homossexual, os olhos dos outros, nem poetas, nem homossexuais, não podem vê-lo.”

Sadoma, 1966

A história da *homossexualidade* não faz a história do mundo. Contudo ao ler - mos e analisarmos as bibliografias de vários autores, compreendemos que, ainda que minoritária, ela esteve presente em todos os tempos. Mas se o mundo tivesse sido homossexual, à partida não existiria História.

A atitude que consiste em fechar os olhos e dizer que na realidade não representam 10% da humanidade continua a ser camuflada, apesar das realidades tão avizinhas que se nos apresentam. Se isto acontece-se poderíamos estar a tomar uma posição “anti-científica”. Esta solução de facilitismo consiste em “não querer ver”, em dizer que esta solução “não vale mais do que aquela que consiste em esmagar um facto que não deveria ser negado”, invocando as condenações da moral.

A homossexualidade, passa assim a possuir um interesse histórico, que não se resumirá a uma parte da história da sexualidade, mas terá uma importância muito grande na compreensão sociológica destas velhas formas de *orientação sexual*,

tanto a nível da compreensão dos conflitos psicológicos do indivíduo, como na sua própria compreensão biológica.

A permanência do facto sexual, está directamente relacionado com diversos imperativos psicológicos que ocorreram em todos os tempos. Começamos pela questão da homossexualidade ser considerada uma patologia psicológica.

Foi com um texto de Westphal (1870) intitulado "*As Sensações Sexuais Contrárias*" que a homossexualidade foi definida, em termos psiquiátricos, como um desvio sexual, uma contraversão do que é o ser masculino e feminino. A partir de então, no ramo da Sexologia, a *homossexualidade* foi descrita como uma das formas emblemáticas da degeneração, sendo punida segundo as leis em vigor.

“É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data comemorativa (...) Como são espécies todos esses pequenos perversos que os psiquiatras do século XIX ontomologizam atribuindo-lhes estranhos nomes de baptismo: há os exibicionistas La Sègue, os fetichistas de Binet, os zoófilos e zooerastasmixoscopófilos, os girecomastos, os presbiófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres disparêunicas”

Foucault, (1993)

No século XX, essa tendência modificou-se e a homossexualidade deixou de ser considerada doença. A maioria dos países não estigmatizavam as relações entre pessoas do mesmo sexo, não existiam preconceitos, havendo alguns casos em que os indivíduos eram tratados com plena igualdade, no que dizia respeito as suas inter-relações. A partir dos movimentos de libertação *homossexual* e sobretudo após o incidente de Stonewall em Nova York, em Junho de 1969, emergiu o termo gay como meio para apagar o teor psiquiátrico por trás da palavra homossexual

Desde 1973, que a homossexualidade deixou de ser classificada como patologia pela Associação Americana de Psiquiatria e, na mesma época, foi retirada do Código Internacional de Doenças (sigla CID). A Assembleia-geral da Organização

Mundial de Saúde (sigla OMS). No dia 17 de Maio de 1990, esta retirou a *homossexualidade* da sua lista de doenças mentais, declarando que "a homossexualidade não constitui doença, nem um distúrbio e nem uma perversão" e que os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade.

Apesar desta alteração ainda existem técnicos da saúde, em todo o mundo, que ainda vêem a *homossexualidade* como uma doença, perturbação ou desvio do desejo sexual. Afirmando mesmo que estes indivíduos necessitam de acompanhamento e reabilitação, para voltarem a ser novamente *heterossexuais*, são os chamados "movimentos ex-gay".

A permanência do facto do facto homossexual está ligada também a questões religiosas, este é um aspecto ainda sobejamente significativo nas nossas sociedades contemporâneas, mas ainda assim, conservadoras.

De acordo com alguns investigadores, algumas partes da *Bíblia* foram mal traduzidas ou interpretadas, o que leva a que a homossexualidade seja erradamente considerada uma profanação por alguns religiosos.

É preciso entendermos o termo "profanação", que em si mesmo não é pejorativo, mas que exprime uma evolução de afastamento progressivo do sagrado. Esta nova forma de sexualidade vai inteiramente contra as ideias fixas de que a família terá de ser, uma família tradicional, composta por: "Pai, Mãe e Filhos" e que este tipo de ligações entre indivíduos do mesmo sexo vai interferir na continuidade da reprodução humana.

Assim, a homossexualidade já não se limita unicamente ao tempo, ou seja, esta não saiu totalmente para a praça pública, já que muitos indivíduos continuam a encobrir as suas preferências sexuais com medo de serem discriminados pela sociedade, ou simplesmente porque não querem divulgar as suas escolhas que são de cariz pessoal.

Na caracterização do sexo de uma pessoa, quatro elementos devem ser levados em consideração: o seu sexo biológico, sua identidade sexual, o seu papel social e a sua preferência afectiva.

É na sequência desta ordem de ideias que o Grupo De Trabalho delineou um plano de intervenção social que deverá incidir nestes indivíduos, como peças constituintes de uma *Comunidade*. Como futuros Interventores Sociais o nosso objectivo será, de acordo com as matérias leccionadas em aula, o de criar um *sistema de comunicações*, que facilitem o processo de auxílio, com vista á resolução das necessidades através dos recursos existentes.

Importa saber neste caso, que quando falamos em *Intervenção Social*, estamos a referir-nos a um processo social, que ocorre num determinado espaço temporal e em que, neste caso específico, a *Comunidade*, assume-se como um *recurso social*.

Outro dos aspectos que carece de clarificação, antes de mais, é o facto de considerarmos, que em Portugal, já existe uma *Comunidade Homossexual*. Ora, este facto pareceu-nos bastante óbvio, já que estamos perante um conjunto alargado de indivíduos que partilham a mesma *orientação sexual*, independentemente de outros aspectos biológicos, psicológicos ou sociais, como sendo, a etnia, a nacionalidade, religião, partilha do espaço habitacional ou a actividade profissional que exerce.

O esquema abaixo apresentado refere-se às etapas constituintes da *Intervenção Social* que o Grupo de Trabalho estruturou para a Comunidade Homossexual

1) Identificação Da Problemática

Estigmatização, Discriminação e Agressão verbal e não verbal de indivíduos de orientação homossexual

2) Necessidades:

- Falta de Comunicação com os outros;
- Dificuldade em lidar com os sentimentos e emoções na Família, no Grupo de Pares, na Comunidade e na Sociedade em geral;
- Dificuldade em gerir o *stress*, a ansiedade, as pressões e as “crises” criadas pela estigmatização, descriminação e agressões verbais e não verbais;
- Importância de garantir a promoção do bem-estar pessoal, a todos os níveis, na vivência da sexualidade;
- Dificuldade na promoção de uma atitude positiva face à sexualidade;
- Carência de reflexões e de críticas face aos papéis estereotipados atribuídos socialmente a homens e a mulheres com preferências sexuais em relação a pessoas do mesmo sexo;
- Dificuldades em identificar e combater os comportamentos que alimentam as desigualdades entre os sexos;
- Inexistência de uma estratégia nacional, que não passe apenas por acções pontuais de sensibilização para estas formas de orientação sexual, mas sim por um plano de intervenção devidamente objectivado e estruturado de inclusão destes indivíduos na sociedade;
- Sensibilizar os profissionais da saúde a prestarem um apoio livre de preconceitos na área da educação sexual e da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, evitando assim, constrangimentos na procura de apoio;
- Necessidade de alertar as Empresas, nomeadamente os Recursos Humanos, para iniciarem acções de sensibilização, no âmbito da Responsabilidade Social das Organizações, para a melhor e maior inclusão dos seus funcionários, em ambiente laboral.

3) Recursos

- Recursos Humanos: As competências individuais e profissionais dos trabalhadores que actuam nas mais diversas áreas, como por exemplo, saúde, educação, trabalho social, política, empresarial e cultura;
- Rede de parceiros interessados na temática, como por exemplo, associações e organizações homossexuais,
- As várias vias de comunicação social, com relevo particular, para a *Internet*;

4) Intervenção

- Aposta na prevenção primária, através de acções de formação e sensibilização para a temática nas Escolas e noutros sectores da sociedade;
- Aposta na formação e sensibilização para a temática em empresas;
- Utilização de linguagem inclusiva, ao invés dos habituais termos estigmatizantes;
- Realização de campanhas de *Marketing Social*

7. Considerações Finais

“Custa-me a entender como há quem se escandalize - desde que se reflita nos problemas humanos - pela forma como sistematicamente se omitem os problemas tão graves que o desenvolvimento da homossexualidade no nosso mundo põe á consciência”.

In Ensaio Sobre a Homossexualidade, 1966

Diferentemente do sexo entre animais, onde as relações sexuais são determinadas fundamentalmente pelo instinto, a sexualidade humana manifesta-se através de padrões culturais historicamente determinados. A sexualidade humana, através da história, manifestou-se por culturas e períodos de abertura sexual, intercalados por períodos de recato e privações sexuais.

Estudos sobre a sexualidade enfatizam que a história da homossexualidade e da criação de seus termos permite compreender o facto de que a "normalidade" depende da estigmatização e subalternização de identidades para se consolidar socialmente.

Actualmente, esses estudos mostram que a orientação sexual não é uma escolha livre, pois a nossa sociedade forma com frequência todos os indivíduos para se relacionarem “obrigatoriamente” com pessoas do sexo oposto. Assim, essa obrigação aprendida na família, na escola, nos *média*, na religião e no contacto social em geral constitui-se num sistema denominado “*heteronormatividade*”.

Desta forma, a invenção dos termos homossexualidade, homossexualismo, homossexual e outros termos usados de forma pejorativa, contribuem frequentemente para estabelecer a naturalidade do comportamento *heterossexual* em detrimento do *homossexual*.

É cada vez menos comum o uso de nomenclaturas diferenciadas e específicas quanto ao género originário e fisiológico, bem como quanto ao papel desempenhado, activo ou passivo, ou ambos. A mulher homossexual activa, é chamada comumente “lésbica”. Já o homem homossexual, usualmente chamado “gay”, também pode ser confrontado com vários adjectivos.

Este tipo de discurso nega, quer às mulheres quer aos homens homossexuais, a sua própria sexualidade a partir do princípio que apenas é possível o sexo entre alguém que faz o "papel" de homem e o “papel” de mulher.

O debate contemporâneo sobre o casamento gay é um fenómeno privilegiado para a compreensão do lugar actual de *gays*, *lésbicas* e *transgéneros* na nossa sociedade, como também do papel da instituição casamento nos nossos dias. A discussão evoca um dos temas clássicos da sociologia: a dinâmica da reprodução e da mudança social. A resistência de grupos sociais conservadores em confronto com a luta de grupos organizados pela parceria civil convida a uma análise *queer*, ou seja, que vá além dos dois lados da questão e investigue o processo em que ambos se inserem moldando-se mutuamente

Desde os Estudos de Kinsey, em 1949, popularizou-se a afirmação de que 10% da população humana teria uma orientação homossexual. No entanto, outros estudos indicaram valores diferentes, tais como 4% e 14%. A principal razão para a dificuldade na obtenção de um valor credível está no facto de muitos homossexuais esconderem sua orientação sexual por motivos diversos, além de ser difícil e questionável classificar e quantificar de forma científica o grau de homossexualidade/heterossexualidade de alguém.

A questão da homossexualidade é um tema de grande polémica, sendo o mesmo discutido em todo o mundo, em que psicólogos e médicos que procuram encontrar as suas causas. Parece-nos que as suas causas não foram encontradas, tanto que a homossexualidade deixou de ser considerada doença ou transtorno social. Diante do que foi demonstrado, o que parece ser aceite pela grande maioria é que o sujeito homossexual já nasce orientado a ter atracção a sujeitos do mesmo sexo. Diante do

que foi exposto, é possível concluir, que a homossexualidade não é uma doença, nem um transtorno psicológico, e que por este motivo, não existe qualquer razão em dispensar qualquer tratamento diferenciado aos mesmos, devendo todos nós dispensarmos tratamento igual, e quem sabe até os mesmo direitos e garantias que damos a maior parte da sociedade

“O que se sabe é que os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que os engloba em maior ou menor medida.” (Goffman, 1980)

Goffman coloca o estigma como ponto de partida possível para a formação de uma comunidade, fenómeno esse que se verificou com a comunidade homossexual. Os indivíduos de orientação homossexual são tão heterogéneos como o comum da população, mas foram levados a criar um sentimento de comunidade pelo facto de sofrerem de discriminação social.

Essa discriminação e a estereotipificação têm vindo a ser atenuadas pelas várias revoluções sociais e progressiva abertura das mentalidades. Mesmo assim, existem ainda muitas reticências em relação à homossexualidade.

O inquérito realizado no ISCSP, apesar de não apresentar qualquer relevância estatística e não permite fazer extrapolação dos resultados, teve outros efeitos assinaláveis. Primeiro que tudo, mostrou que, no seio de uma população jovem e muito informada, existem muitos preconceitos e tendência a discriminação de quem apresenta diferenças. Por outro lado, a aplicação do inquérito acabou por ter uma segunda função: a de pôr a pensar os 50 alunos que responderam às questões. Reparámos que, não só falavam connosco sobre as questões, mas também se iniciaram debates entre os vários inquiridos. Talvez tenha sido o suficiente para algumas pessoas questionarem os seus pontos de vista e colocarem em causa as suas certezas.

Quanto ao nosso objectivo pessoal, de abrir as nossas próprias mentes e fazer evoluir as nossas ideias, enquanto indivíduos e enquanto futuros trabalhadores

sociais, julgamos que podemos dizer que foi cumprido. Se existiam alguns preconceitos dentro do nosso grupo de trabalho, esses foram dissipados ou atenuados, já que estabelecemos contacto com a realidade e colocamos rostos na comunidade em questão.

Bibliografia

- AMARO, FAUSTO; *Introdução À Sociologia Da Família*; Universidade Técnica de Lisboa; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Dezembro de 2006.
- CARMO, Hermano. *Desenvolvimento Comunitário*. Universidade Aberta, Lisboa, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. Livros do Brasil, Lisboa, 1905.
- FREUD, Sigmund. *Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci*. Relógio de Água Editores, Lisboa, 1910.
- FOUCAULT, Michel, *A vontade de saber*, História da Sexualidade 1, Lisboa, Edições A.Ramos, Lda, 1977
- MENDES, Sandra. *Homossexualidade: A Concepção de Michel Foucault em Contraponto ao Conhecimento Neurofisiológico do Século XXI*. in Revista de Psicologia, Vol. XI, nº 16, Ano 2007, p. 249 – 262.
- SÉDAT, Jacques. *Compreender Freud*. Publicações Europa-América, 2007.
- VERDIGLIONE, Armando. *Sexualidade e Poder*. Lisboa, Edições 70, 1978.
- WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its discontents: meanings, myths & modern sexualities*. Londres, Routledge, 1985.
- WOODARD, *Identity and Difference*.

Webgrafia

- www.ine.pt;
- Casamentocivil.org;
- PortugalGay.pt
- www.cig.gov.pt

ANEXOS

Anexo Nº1

Entrevista Presidente OpusGay

Podem ser considerados comunidade?

- Partindo do princípio que aceitam que somos uma comunidade, no sentido em que temos algumas reivindicações que são diferentes das reivindicações gerais das pessoas heterossexuais, é claro que temos alguns serviços que precisamos que nos sejam facultados. De facto, por um lado, há as questões legais que são o enquadramento básico de todas estas questões e que nem sempre têm sido em Portugal correctamente abordadas. Vêm a sê-lo paulatinamente, como percebem, primeiro que tudo ainda foi, em 1902, a proibição da discriminação por orientação sexual. Depois não ser criminalizada a orientação sexual, porque antigamente em Portugal era, depois foi poder entrar para o exército e forças armadas, depois foi – eu não sei se estou a dizer a seriação exactamente pelas datas certas – depois foi as uniões de facto dos heterossexuais serem alargadas aos homossexuais para poderem usufruir também desse estatuto de convivência afectiva e sexual. Agora, ultimamente, foi – ou está a ser – a questão do casamento homossexual, foi também a desmistificação desta questão do sangue, relativamente aos homossexuais poderem ou não poderem dar sangue, portanto há aqui uma escalada ao longo do tempo, à medida em que a sociedade portuguesa vai amadurecendo, vão-se fazendo algumas destas conquistas, que podem ser também percebidas relativamente à mulher. Porque se compararmos com as conquistas que as mulheres têm tido em Portugal, também têm sido paulatinamente. Antigamente não podia votar, depois só podiam votar as mulheres chefes de família, depois só podiam votar as mulheres que eram alfabetizadas, enfim, depois também houve a questão da interrupção voluntária da gravidez, depois também chegámos à conclusão que as mulheres não tinham acesso aos cargos na mesma dimensão em que tinham os homens e foi preciso criar as cotas. Portanto, há toda uma luta e também o mesmo

relativamente às questões étnicas, em Portugal há uns anos não eram permitidos moralmente, nem consentidos os casamentos inter-raciais e hoje é uma questão perfeitamente tolerável. Também não eram aconselhados os filhos dos casamentos inter-raciais, os meninos que nasceriam não seriam nem brancos nem africanos, seriam pardos e isso seria muito mau para os meninos e ficariam muito traumatizados e hoje ninguém se traumatizada em nada com essa questão. Portanto isto é uma luta que é paulatina e que tem a ver com desenvolvimento económico, desenvolvimento cultural e também, à medida que as sociedades, e neste caso, a sociedade portuguesa, se vai integrando dentro do processo da globalização.

Neste sentido, as questões culturais cruzam-se muito também com os aspectos religiosos.

- Ora bem, por isso isto é uma questão transversal, porque embora em parte o povo português se intitule católico, a maior parte do povo português não vai à missa e não pratica, não obedece aos ditames da igreja católica. Os católicos fazem todos já eles a prevenção sexual para não terem mais do que os filhos que planejaram, para além de muitas outras questões, para falar duma questão que a igreja considera fundamental, que é o sexo procriativo, e que se assim fosse nós em Portugal não tínhamos 10 milhões, mas sim 20 milhões... sabemos que está até a diminuir a taxa de natalidade. Por outro lado também sabemos que a taxa de filhos que nascem fora do casamento legal ou legítimo, ou civil ou religioso, já está em 30 e não sei quantos %. Portanto também significa que há pessoas que não estão a cumprir com os tais ditames do catolicismo. Portanto, todas estas questões são transversais. Vão apoiando e ajudando a uma maior abertura para aceitação, das mudanças que são mudanças legais, culturais, institucionais e são rupturas de facto, nesse sentido, estamos a falar de rupturas, de questões fraccionantes, como foi a intervenção voluntária da gravidez, como foi fraccionante as mulheres poderem votar em Portugal, há 30 anos foi de facto fraccionante, porque era um direito que os homens achavam que tinham por si só e que não queriam conceder às mulheres. Ainda há muitos exemplos de machismo em Portugal e através das formas comportamentais,

que são fraccionantes em si próprias porque já não têm razão de ser. Ainda no outro dia assisti a uma questão que me escandalizou... juntaram-se 500 homens no Norte para comer bifés, muito bem, acho excelente, só que cozinhava para eles eram as mulheres e as mulheres não podiam partilhar os bifés que tinham cozinhado e pagavam 25 euros ou 30 euros para comer o bife. Ora muito bem, podem pagar, e depois para se desculparem davam o dinheiro a uma instituição de luta contra o cancro ou pelas crianças. Quer dizer, é um pouco como aqueles deputados que dão frigoríficos e telemóveis para obter votos, no fundo isto é a compra do voto. E é uma forma de discriminação, mas foi aceite como uma tradição muito engraçada dos homens se juntarem para comer bifés. Ora bem, isto é uma prova desta mentalidade machista que impera e que é aceite e é divulgada pelos órgãos de comunicação todos como um grande triunfo do bife. Estas questões são profundamente culturais e que normalmente até são geracionais. Eu tenho 64 anos e os homens da minha idade não me acompanham, na maior parte deles, neste raciocínio, porque foram formatados numa época, em que eu também fui formatado, mas da qual me libertei. Eu entrei no período da democracia aos 30 anos, portanto já tinha a minha cabeça feita, como alguns de vocês já têm... o que não quer dizer que não façam apuramentos das coisas, a vida às vezes obriga-nos a fazer. Já nessa altura, o primeiro documento que apareceu em Portugal a 13 de Maio de 1974, chamado "Liberdade para as minorias sexuais", portanto 20 dias depois do 25 de Abril, já foi escrito em minha casa, por amigos meus e por mim, já tínhamos alguma sensibilidade. E é claro, entre essa altura e hoje as diferenças são cruciais. Naquela altura pedíamos 7 ou 8 coisas e uma das coisas que nós pedíamos era que a homossexualidade fosse descriminalizada. Bom, hoje isto fazia sentido se eu estivesse no Irão ou na Arábia Saudita, ou em certos países africanos. Mas em Portugal já não faz sentido. Mas, por outro lado, ainda há atitudes em Portugal que ainda precisavam de ser criminalizadas, porque eu próprio já fui na rua e ouvi, aqui há dias, mas queixei-me do senhor, que aliás era engenheiro, que disse: "olha vai ali paneleiro oficial". Ele era de uma empresa que estava a trabalhar para a câmara municipal, estava rodeado de operários e quis se fazer de engraçado, mas de qualquer forma é profundamente insultuoso. Eu assumo a minha sexualidade, e com orgulho. Não é um orgulho em termos de superioridade, eu não considero superior a nenhum de vocês, a nível nenhum, quando eu digo que tenho orgulho é no sentido

de dizer que não tenho vergonha, exclusivamente. Eu estou no espaço público republicano e laico exactamente no mesmo pé de igualdade em que qualquer um de vocês está, da mesma forma em que, se tu assumires a tua cor, não é para dizeres que és superior que as pessoas de pele branca, é sim para dizer “estou muito orgulhosa de ser assim e acho que estou muito bem assim e não quero ser outra coisa”. Eu quando digo que sou português, sabemos o país que temos, mas digo em qualquer lado sem vergonha nenhuma. Posso ir aos Estados Unidos, ao Brasil à China, e digo em qualquer lado que sou português e estou muito orgulhoso de o ser, mas não considero que sou superior. É a minha cultura, é aquilo onde eu cresci, aquilo por que eu torço, é aquilo que eu defendo e não tenho vergonha de o ser. Mas não é em sentido de superioridade nenhuma relativamente aos ingleses, franceses, alemães... Numas coisas são superiores, mas noutras coisas também são inferiores. Portanto quando eu digo que tenho orgulho em ser homossexual, não é de forma nenhuma no sentido em que me considero superior a ninguém em nada! Em nada! Sou tão bom, tão mau, tão inteligente e tão burro como todos os cidadãos. Mas não tenho é vergonha de o ser, não entro com outra máscara, não finjo que sou outro coisa para depois, às escondidas, ser isto ou ser outra coisa. É nesse sentido que eu afirmo orgulho gay. Mas também não é para andar aí na rua aos gritos, da mesma forma como vocês não andam a gritar a vossa heterossexualidade, portanto é uma coisa, é um acto político, é um acto de afirmação política que é necessário assumir em sociedades em que há um grupo, a tal comunidade, que é reprimida como tal, tendo por causa a sua orientação sexual, não fora isso eu não precisaria de o afirmar. A nossa luta, é uma luta que se trava, uma luta pelo reconhecimento da diferença para passarmos à indiferença. Ou seja, o que eu queria daqui a uns anos é que toda a gente se estivesse nas tintas para o facto de eu ser homossexual, bissexual, virgem,... O que interessa são as minhas valências profissionais, humanas, etc... Eu não valorizo ninguém, nem pela religião, nem pela cor, nem pela orientação sexual, nem pelo nascimento, nem pelo curso. Ou seja, um tipo que tem um curso pode ser branquíssimo, pode ser católico, republicano, pode ser de excelentes famílias e ser um grande filho da mãe! E um tipo pode ser pedreiro, pode ser africano, pode ser muçulmano, pode não ter família, e ser um homem íntegro. Nada destas questões formatam uma pessoa. Nesse sentido nós temos de nos formar a nós próprios e à nossa comunidade para que ela também tenha um

comportamento ético e social dignificante para podermos realmente, termos orgulho em sê-lo. É claro que eu não ignoro que há gays que são ladrões, mentirosos e assassinos, mas também há heteros que o são. Isso atravessa toda a sociedade e não é isso que nos marca.

Mas esse tipo de comentários difamatórios, não acha que têm muito a ver com a nossa cultura latina?

- Tem, tem, como antigamente se dizia na rua quando uma de vocês passava, qualquer homem pensava que tinha a liberdade de dizer: “ehh, boazona, comia-te toda e não sei quê...” E ainda hoje acontece... Dizia-se que mulher séria não tem ouvidos, porque eram tantas as bocas que a única forma de reagir era não ouvir, mas isso é assédio sexual. Realmente uma pessoa ouvir todo o dia.

A questão da discriminação ligada ao machismo?

Por isso mesmo é que nós temos de lutar, por isso mesmo é que quando eu travo uma luta pela igualdade de género, tenho consciência que por um lado estou a fazê-lo porque é um dever cívico, mas por outro lado porque eu sei que quanto mais essa fronteira recuar, também mais a nossa fronteira se alarga. Da mesma forma que quando luto contra o racismo, eu que vivi muitos anos em África, e portanto, tenho uma grande sensibilidade relativamente ao racismo, também sei que estou a lutar contra o machismo e contra aquilo que se chama de superioridade de um determinado grupo social que é machista, homofóbico e racista. Normalmente quando vejo um racista digo já, aqui por trás está um machista homofóbico escondido. São aqueles que dizem “aí eu não sou racista, não quero é que os pretos passem na minha rua. Ou ainda, não sou racista, não quero é que a minha filha case com um preto”, é o mesmo que dizer “Aí eu não tenho nada contra os homossexuais, não quero é nem vê-los”.

A nível de mudanças de mentalidades é mais difícil. Embora estejamos a avançar, ainda que lentamente. O que considera que poderá ser feito para mudar essas mentalidades e acompanhar essas mudanças, o ritmo das mudanças?

Enquadramento legal sem o qual as pessoas não podem mexer-se, porque nós nadamos de facto, num mar de heterossexualidade, o que não é grave, mas é também um mar de heterossexismo, o que é grave. O facto de ele ser heterossexual, não me faz mal nenhum, mas o facto de ele ser heterossexista já me causa busílis, da mesma forma que me causa busílis as pessoas racistas. Ora bem, para isto é preciso um quadro legal. Qual foi o primeiro quadro legal? Foi descriminalizar a homossexualidade em Portugal, porque senão eu não me atrevia a dizer isto, já estava aqui um carro da esquadra para me levar para a prisão. Portanto, há um quadro legal que tem de ser mudado e esse quadro legal, também, ao mesmo tempo, ajuda à mudança de mentalidades. A partir do momento em que as mulheres, por exemplo, começaram a poder votar, as pessoas habituaram-se a vê-las votar. Portanto pois, agora se lhes tirassem o voto, já nos levantávamos todos, homens e mulheres, contra isso. Mas naquele tempo muitos homens se insurgiram contra o voto feminino. As mentalidades não se mudam por decreto, é processo moroso.

Nesse sentido, o que é que a comunidade poderia fazer, para apressar o processo?

Há certas coisas que devemos apressar, mas há algumas coisas que é preciso ter cuidado no apressamento. Há uma luta que temos de travar, que é a base, a luta contra a homofobia, contra o ódio homofóbico, várias questões se levantam nas sociedades e que nós detectamos como sendo homofóbicos. Por exemplo, as piadas aos homossexuais... nós também temos que ter sentido de humor, e eu ri-me de bocas que ouço, nós também nos rimos dos alentejanos etc... mas a partir duma certa altura a piada já começa a ser xenófoba, homofóbica, reaccionária ou ofensiva. A grande parte das piadas são estereótipos do homossexual, onde se põe o homossexual a abanar-se todo, como uma figura efeminada, começa a ser deteriorar a imagem, a maior parte dos homossexuais não são assim. Agora há

homossexuais que são efeminados, tal como há homens heterossexuais que também o são, não podem fazer outra coisa. Como há pessoas que nascem com voz grossa e outras com voz fina. É acentuar estereótipos que uma população já tem, e outra não tendo, passa a ter. Isso é uma questão que temos de combater. Até na publicidade, por exemplo, uma cerveja que faz os homens ficar mais homens para todas as mulheres lhes caírem aos pés... isso é uma clara manifestação de machismo.

Mas os meios de comunicação têm sido fundamentais para a mudança de mentalidades...

Neste momento já há algum cuidado nisso, mas ainda continua a referir-se muito à mulher como objecto, mas a verdade é que agora também já começa a ser o homem o objecto sexual. Mas, mesmo assim, este não se aguenta tanto como a mulher, ou seja, o próprio homem sente-se mais ferido e mais susceptível do que a mulher. A mulher nesse sentido tem mais força, se lhe puserem as mamas de fora, ela aguenta-se, enquanto que o homem, se lhe puserem o pénis de fora... uahu Os homens só se atrevem a mostrar a peitanga, a musculanga. Há aqui mesmo diferenciações, mas a própria masculinidade hoje, em Portugal, e pelo mundo fora, está a ser atacada. Pelas próprias mulheres e também pelos outros homens. Antigamente, era ele que pedia em namoro e que dizia o que queria e não admitia que a mulher lhe dissesse nada... hoje são as raparigas que pedem em namoro e que lhe podem dizer aquilo que querem e gostam e para um tipo é um choque. Antigamente era ele que punha a mão na perna da mulher e ela tinha de tirar a mão com muita descrição para fingir que era duma grande virgindade. Hoje as mulheres já são capazes de pôr elas a mão na perna do homem. Antigamente a iniciativa era totalmente do homem, como macho e a mulher estava numa atitude passiva. A partir do momento em que toma uma atitude tão activa como a do homem, este fica intimidado.

Em relação ao catolicismo, o António já disse que era Católico. Partilha das posições do Vaticano?

- Sou católico, mas acabo de fazer declarações muito violentas contra o Papa e o Monsenhor Bertone. Acabo também de ver que a França já fez um comunicado a dizer que não aceitava aquelas declarações (referindo a polémica de pedofilia na Igreja Católica, que foi associada à homossexualidade) e o próprio Vaticano já recuou. Isto mostra um desnorte da Igreja. Foram acusações “santificadamente burras”, porque a maior parte da pedofilia é heterossexual, que é no seio da família. Ora isso não nos permite dizer que os heterossexuais são pedófilos, é simplesmente uma relação percentual. As declarações do Vaticano não têm suporte. Tentaram lançar o ódio sobre uma comunidade, a nível mundial. Estava a tentar esconder práticas que já acontecem há muitos anos. Como também quando falamos da violência doméstica, os números mostram um aumento, mas o que certamente aconteceu foi agora começarmos a falar mais sobre o assunto e as próprias mulheres começaram a fazer queixa. Há aqui um conceito interiorizado de inferioridade, que também existe na comunidade homossexual. É um conceito de vitimização. Muitas vezes assisto a queixas de vitimização, onde os homossexuais se colocam numa posição de passividade perante as discriminações de que sofrem... nós temos de lutar, não podemos passar a vida a vitimizarmo-nos, temos de saber integrar-nos dentro da pele que temos, conseguir fazer render para nosso bem o que somos. Não significa que não haja contratempos, eu tenho passado muitos contratempos na minha vida e continuo a passá-los, mas a minha obrigação é tentar ultrapassá-los.

Mas há muitos homossexuais que não se assumem, mesmo a nível profissional...

- Sim, essa é uma das dificuldades, a dificuldade em assumir na família, que é aquela área onde nós mais precisamos de ser aceites, porque os nossos familiares são a nossa rede de apoio. Até porque está estudado que, a nível de estatísticas, a família ainda é a rede mais importante de cada pessoa. É muito importante que essa rede nos aceite e não nos expulse. Depois da rede da família, é a rede dos amigos, são as duas grandes redes. E depois vem o emprego. Porque o emprego é onde

passamos mais horas depois da cama (risos). Na cama estamos 8 horas, assim como no trabalho. E se na cama temos de dormir bem, seja com a mulher, o marido ou com quem for, no trabalho com os colegas, também temos de estar integrados. E temos de ser aceites e estar minimamente à vontade. Ninguém vai para o trabalho provavelmente para fazer sexo, mas também não vai para ser reprimido sexualmente. Ou seja, eu não posso ir para um trabalho onde estou a desempenhar as minhas funções e está um gajo ao lado a mandar piadas sobre os gays. A minha auto-realização também passa por isso. Além disso, numa organização não pode haver discriminação entre os colaboradores, senão é óbvio que vai haver entraves ao crescimento e ao desenvolvimento. Por isso as próprias empresas têm de criar uma cultura pela diversidade, porque cada grupo social tem as suas riquezas, tem as suas apetências, tem as suas criatividades. Por exemplo, os africanos têm uma grande criatividade para a música e para a dança, por isso são valores que devem ser aproveitados. Os católicos também têm algumas valências que não têm os muçulmanos. Portanto os homossexuais também têm uma abertura à diversidade, que muitos heterossexuais não têm, porque nós temos de nos habituar a ter jogo de cintura para passar nos interstícios desta sociedade. Portanto somos pessoas que têm alguns talentos para o diálogo, para o compromisso, para a aproximação com as pessoas, que muitos heterossexuais não têm porque estão numa grande rigidez. Cada uma das coisas é uma riqueza que as empresas devem aproveitar para as suas mais valias, da sua produção e da sua apresentação no mercado.

O que é que tem vontade de nos dizer a nós, futuros trabalhadores sociais, que é necessário fazer para promover a integração, não exclusivamente a nível da homossexualidade, mas sim a nível de todos os grupos tendencialmente excluídos?

- Vocês devem ter um grande cuidado na linguagem, usar uma linguagem profundamente inclusiva. Por exemplo vai ter convosco um utente que precisa de um subsídio, e vocês não podem perguntar: o senhor é casado, tem namorada? Porque, se ele não for casado, não tiver namorada e tiver namorado fica logo assustado. Vai pensar que já não pode dizer que vive em união de facto com um homem. Têm de

ter portanto muito cuidado na linguagem inclusiva. E também têm de saber intervir nas alturas oportunas, quando assistem a formas de discriminação, que são atentados à dignidade das pessoas. Primeiro que tudo devem ser as pessoas a reagir, mas vocês estão imbuídos de uma qualidade e de um título que vos permite, com segurança, não permitir que haja essa discriminação. As vítimas nem sempre reagem, podem nem ter consciência. O vosso papel é justamente desmistificar e lutar contra essas coisas, a todos esses níveis.

E, a nível mais prático, acha que existem acções em si que podem ser tomadas?

- Bem, isso depende do sítio em que estão e da vossa criatividade, vocês tanto podem fazer uma peça de teatro com os vossos utentes, em que denunciam as várias taras sociais, como podem escrever um artigo e divulgá-lo através da junta de freguesia, como podem usar o boca a ouvido e ir fazendo intervenção junto dos vossos utentes, como podem promover workshops em que convidam especialistas nas matérias e põem as pessoas em confronto com as várias situações. Depende do tempo, do espaço e do sítio em que estão. Em Trás-os-Montes é uma abordagem completamente diferente do que se estiverem no Chiado. A abordagem passa então, principalmente, pela divulgação, aproximação, é portanto criar uma empatia com os vossos utentes.

Quais os factores que têm vindo a ajudar mais a criar uma aceitação da comunidade homossexual?

- Acho que os órgãos de informação têm ajudado, principalmente os órgãos de informação internacionais, o cinema, a internet (fabulosamente), o marketing e a publicidade, assim como as mudanças sociais, que a própria impõe às pessoas. Mas temos de saber aproveitar o que há de bom em cada uma destas coisas.

Considera que a sua geração de homossexuais é uma frente de combate?
Considera-se de alguma forma sacrificado em prol de uma geração futura?

- Não, nunca me considereei sacrificado. Mesmo nos dias em que estou mal disposto e chateado e tudo me corre mal e que vou para a cama com os poucos cabelos que tenho em pé... Porque acho que tenho a obrigação de o fazer. Tenho 64 anos e quando tiver 70 e 80 continuarei. Quando trabalhamos, é para a nossa geração e para a geração que vem a seguir. E não tenho nada que lamentar! Lá porque eu não tive a sorte de ter aquilo que esta geração tem, eu não vou agora impedir que esta geração vá ter mais do que eu. Eu quero é que esta geração tenha aquilo que eu não tive.

Mas considera-se uma excepção, ou não?

- Não, não me considero excepção, considero-me uma pessoa vulgaríssima!

Acha que a situação está a evoluir de forma positiva ou acha que ainda é bastante dramática?

- Bem, ainda há muita coisa a fazer, mas é positivo. É claro que em tempos de crise, como esta que nós estamos a atravessar, que é global, mas que as pessoas em Portugal nem sempre têm consciência, porque o nosso país é periférico e as pessoas que pensam que tudo o que acontece cá, só já cá acontece. Mas os grupos minoritários são sempre os primeiros a sofrer, porque já estão eles próprios fragilizados. Portanto se há despedimentos vamos ser atingidos, a nível de tratamento social vamos ser atingidos. Nós, os imigrantes, as minorias étnicas... somos sempre os primeiros a ser atingidos. Porque há sempre bodes expiatórios para estas questões. Como aconteceu com o HIV, durante muitos anos os principais

culpados eram os homossexuais. Portanto, enquanto não sairmos da crise, as coisas não serão fáceis, mas nós também temos de aproveitar momentos de crise como momentos de renascimento, em que os valores que nós aceitávamos foram postos em causa. Já vimos que não servem, então vamos criar novos. Por isso quando hoje se diz que já não há valores não é verdade, há valores! Mas são novos valores. Hoje respeitam-se mais os direitos humanos, as mulheres, os homossexuais, já não aceitamos tanto a corrupção. Hoje há também uma nova consciência ecológica, que também faz parte dos novos valores. Antigamente só era digno a mulher que casava com um homem numa igreja, hoje em dia o que é digno é o afecto, o amor e o respeito que existe na relação.

E só para terminar, nós estamos claramente na era da globalização, nesta conversa falámos muito da nossa sociedade, a sociedade portuguesa, a sociedade mais latina... mas acha que as comunidades, principalmente as organizações, têm também obrigação e o objectivo de agir a nível internacional?

- Também! Eu assino sempre as petições que me chegam da Amnistia Internacional e outras organizações internacionais, para denunciar situações de violações dos direitos humanos. Mas quem sou eu a nível internacional? O Antoninho aqui em Lisboa, só posso ter algum peso juntamente com milhares de pessoas. Mas também é preciso ter consciência que esta questão da sociedade global também obriga a uma consciência diferente, porque Portugal é um país a dois tempos, nalgumas coisas já é uma sociedade global, enquanto noutras ainda é uma sociedade agrária.

Anexo Nº2

Participamos na Marcha do Orgulho Gay, participamos em abaixo-assinados, em petições, por vezes lançamos comunicados de imprensa, mas o nosso activismo é muito mais dirigidos para os jovens e para as pessoas directamente.

Neste momento nós temos sessões de esclarecimento nas escolas a partir do 7º ano. Nós gostávamos de conseguir ir às escolas e falar também com os pais, mas é muito difícil, até agora as sessões têm sido só para os alunos. As escolas às vezes têm de pedir autorização aos pais para os estudantes assistirem.

- E costumam encontrar resistência nos pais?

Sim, sim, já tivemos vários casos. Mas o pior deles foi uma associação de pais que, na altura deu autorização para fazermos a sessão, mas quando os alunos chegaram a casa e contaram como foi a sessão, eles sentiram-se enganados, porque a escola provavelmente não tinha explicado ao certo do que se tratava. De qualquer maneira, quando eles perceberam que o assunto era mesmo homossexualidade, foi grave. Envolveu o Ministério, a escola e nós. Na prática, não tínhamos nenhuma responsabilidade, não tivemos nenhum problema de maior, mas percebemos a que ponte existe resistência e a que ponto pode ser difícil trabalhar na área educativa.

É difícil dizer, eu acho que as campanhas são boas. Nós não temos feito, muitas vezes por falta de meios. Por exemplo, a campanha que a ILGA fez agora recentemente sobre a parentalidade, é muito boa. Estas campanhas obrigam as pessoas a pensarem nisso, no mínimo. Mesmo que tenham opiniões muito contrárias, acabam por perder uns minutos a pensarem na questão. Eu acho que as mudanças de mentalidades dependem de toda a gente. Eu acho que a acção tem de

ser feita em várias frentes, posso ir para a rua e colocar cartazes, mas se eu disser que sou gay às pessoas com quem convivo, família, amigos, no trabalho, acho que também vai ter um impacto positivo. Se eu disser, e se os outros também disserem. Essa acção mais local é muito importante.

- Mas é muito difícil falar sobre a orientação sexual no trabalho?

Sim, no trabalho é difícil, é o mais complicado, mas muitas vezes, é importante que seja feito. Porque posso dizer à minha família e ela aceitá-lo mal, mas vai ser sempre a minha família. Salvo casos mais extremos, a família vai acabar por aceitar e por continuar a ser um refúgio. E quando digo família, é a mesma coisa com os amigos. Agora no trabalho... a coisa é mais complicada. Há sempre o medo do despedimento, apesar de não ser permitido por lei, quer dizer... é discriminação. Mas além disso, temos de ter em conta que passamos 8 ou 9 horas no mínimo dentro do nosso ambiente de trabalho. Por isso se temos de conviver com colegas que nos olham de lado ou que vão tendo atitudes discriminatórias, não é fácil. Muita gente prefere não dizer nada...

- A nível do vosso trabalho mais interventivo e de divulgação, costumam fazer parecerias com outras organizações?

Sim, sim, em momentos pontuais. Por exemplo, no dia 17 de Maio vai ser o Dia Mundial da luta contra a homofobia e há uma série de associações que se vão juntar e unir esforços para marcar o dia, organizando actividades e apoiando-se umas às outras. E, por exemplo, a Amnistia Internacional tem campos de trabalho para jovens todos os anos e nos últimos anos têm-nos convidado para participar na parte da orientação sexual. Tem sido muito bom, muito positivo.

- E a nível de logística e financeiro, como é que funcionam?

Nós temos muita sorte, porque temos um apoio desde a nossa formação, que é o Instituto Português da Juventude. Não é um apoio constante, não nos dão um orçamento anual por exemplo, mas dão-nos muito apoio na realização dos projectos. Isso assegura-nos mais ou menos 70% do financiamento dos projectos, o que é bastante. O resto, são cotas de associados, donativos, embora não tenhamos muitos. Isso tem a ver com o nosso estatuto, somos uma associação de jovens, os donativos que nos são feitos não entram para o reembolso dos impostos. A associação é dos 16 ou 30 anos...

- E a nível das Instituições Religiosas, com que olhos é que vocês olham para a religião?

Enquanto associação, não temos posição nenhuma em relação à religião. Para nós, nem nos faz sentido opormo-nos às Instituições Religiosas, mesmo quando são feitas declarações mais discriminatórias. Seria ter uma posição mais política, coisa que nós não queremos ter. Nós trabalhamos mais no apoio aos jovens e não tanto numa luta directa contra os que se opõem aos homossexuais. Outras organizações fazem isso, e fazem-nos bem. Mas no nosso caso, não é esse o nosso propósito, não estamos nem vocacionados nem preparados para isso. Mas pronto, por vezes são-nos colocadas algumas barreiras da parte da religião de facto. Por exemplo, no nosso projecto educativo, já fomos a um total de cerca de 250 escola, ao longo de 5 anos, mas nunca fomos a nenhum colégio religioso, apesar de nós enviarmos a informação exactamente da mesma forma. Pronto, por alguma razão isso acontece, não é só um acaso.

Anexo Nº3

Inquérito sobre orientação sexual

Somos alunos do 3º ano de Serviço Social e estamos a realizar um trabalho de Desenvolvimento Comunitário sobre a homossexualidade.

Pedimos-lhe que responda ao seguinte inquérito, que tem por objectivo averiguar as opiniões dos alunos do ISCSP em relação à homossexualidade.

Este inquérito é estritamente confidencial.

Caracterização do inquirido:

Idade:

Sexo:

Curso:

Assinale na escala qual a sua opinião:

1. Como caracteriza a sua atitude relativamente à homossexualidade?

Nada Confortável				Muito Confortável
1	2	3	4	5

2. A que ponto se sente incomodado pela homossexualidade masculina?

Nada Confortável				Muito Confortável
1	2	3	4	5

3. A que ponto se sente incomodado pela homossexualidade feminina?

Nada Confortável				Muito Confortável
1	2	3	4	5

4. Na sua opinião, um indivíduo é homossexual porque:
- a) Fez essa opção;
 - b) Tem um distúrbio psicológico;
 - c) Tem uma disfunção genética/hormonal;
 - d) Faz parte da sua identidade;
 - e) Outro: _____

5. Como se sentiria ao colaborar profissionalmente com um colega do mesmo sexo, com orientação homossexual?

Nada confortável				Muito confortável
1	2	3	4	5

6. Como se sentiria ao colaborar profissionalmente com um colega do sexo oposto, com orientação homossexual?

Nada confortável				Muito confortável
1	2	3	4	5

7. Qual a sua opinião acerca do casamento homossexual?

Sim____ Não____

Discordo completamente 1 2 3 4 5 Concordo plenamente

13. Se sim, dê 3 exemplos:

8. Qual a sua opinião acerca da adoção por casais homossexuais?

Discordo Completamente 1 2 3 4 5 Concordo plenamente

14. Com que frequência costuma usar termos depreciativos em relação aos homossexuais?

9. Posicione-se perante a seguinte afirmação: "Existe um sentimento de comunidade nos indivíduos homossexuais?"

Nunca 1 2 3 4 5 Muito frequentemente

Discordo Completamente 1 2 3 4 5 Concordo plenamente

10. Na sua opinião, a que ponto os indivíduos homossexuais são socialmente discriminados?

Nada discriminados 1 2 3 4 5 Bastante Discriminados

11. Como reagiria se o seu (sua) filho(a) revelasse uma orientação homossexual?

Discordava Completamente 1 2 3 4 5 Concordava Plenamente

12. Acha que existem certas profissões mais indicadas para homossexuais?

Anexo Nº4

Legislação

Diário da República
1ª Série A - Nº 105 | 31 de Maio de 2010
Página 1853

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

**Lei N.º 9/XI
de 31 de Maio**

Permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º
Objecto

A presente lei permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

Artigo 2.º

Alterações ao regime do casamento

Os artigos 1577.º, 1591.º e 1690.º do Código Civil, passam a ter a seguinte redacção:

“Artigo 1577.º

[...]

Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida, nos termos das disposições deste Código.

Artigo 1591.º

[...]

O contrato pelo qual, a título de esponsais, desposórios ou qualquer outro, duas pessoas se comprometem a contrair matrimónio não dá direito a exigir a celebração do casamento, nem a reclamar, na falta de cumprimento, outras indemnizações que não sejam as previstas no artigo 1594.º, mesmo quando resultantes de cláusula penal.

Artigo 1690.º

[...]

1 - Qualquer dos cônjuges tem legitimidade para contrair dívidas sem o consentimento do outro.

2 - (...)” .

Artigo 3.º

Adopção

1 - As alterações introduzidas pela presente lei não implicam a admissibilidade legal da adopção, em qualquer das suas modalidades, por pessoas casadas com cônjuge do mesmo sexo.

2 - Nenhuma disposição legal em matéria de adopção pode ser interpretada em sentido contrário ao disposto no número anterior.

Artigo 4.º

Norma revogatória

É revogada a alínea e) do artigo 1628.º do Código Civil.

Artigo 5.º

Disposição final

Todas as disposições legais relativas ao casamento e seus efeitos devem ser interpretadas à luz da presente lei, independentemente do género dos cônjuges, sem prejuízo do disposto no artigo 3.º.

Aprovado em 11 de Fevereiro de 2010.

O Presidente da Assembleia da República, *Jaime Gama*.

Promulgada em 17 de Maio de 2010.

Publique-se.

O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

Referendada em 18 de Maio de 2010.

O Primeiro-Ministro, *José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa*.